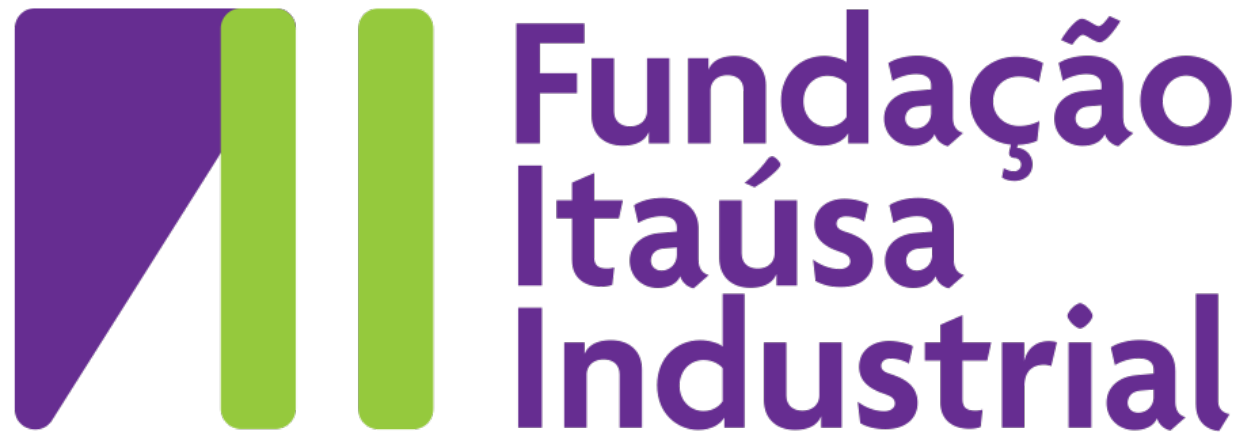


Relatório de Performance e Gestão

PLANO PAI

Agosto/2026



Cenário Econômico - Internacional

Conflito no Oriente Médio volta a pressionar preços de energia

- Passados seis meses do início do conflito no Oriente Médio, a economia global segue sujeita a preços mais altos de energia. Historicamente, esse intervalo já costuma trazer impactos mais evidentes sobre a atividade global. Os dados, no entanto, seguem indicando resiliência, com a última bateria de indicadores antecedentes apontando alguma recuperação.
- Em paralelo, os bancos centrais continuam buscando preservar flexibilidade através de sua comunicação, mas a manutenção do choque mantém na mesa o risco de aperto adicional dos juros.
- Nos EUA, a atividade segue sólida, ainda que a última leitura de emprego tenha apresentado um mercado de trabalho menos robusto do que se identificava até então. Já a inflação apresentou a projetada moderação no meio do ano, após um primeiro semestre mais pressionado.
- A combinação diminuiu a urgência por uma reação do Fed no curto prazo, mas o discurso de Kevin Warsh em Jackson Hole manteve viva a discussão sobre alta de juros já em setembro.
- Na Europa, os dados também continuam indicando resiliência da atividade, acarretando revisão altista das projeções de crescimento. Mas os riscos seguem, com preços mais altos de energia, nível dos rios e dos reservatórios de gás como fontes de pressão altista para inflação e baixista para crescimento. O BCE segue atento à evolução do cenário e das expectativas de inflação, com o mercado projetando nova alta de juros em setembro.
- No Japão, os dados vem evoluindo em direção ao cenário do BoJ, enquanto a intervenção conjunta do iene sinalizou maior desconforto com o câmbio. A interpretação geral foi uma barra mais baixa para antecipação da próxima alta de juros, além de um potencial ritmo mais rápido à frente.
- Na China, segue a performance mais forte de setores relacionados à demanda externa contrastando com desempenho mais fraco daqueles dependentes da demanda doméstica. Mas resiliência do motor externo e o PIB dentro da banda da meta de crescimento para o ano ainda limitam a urgência por estímulos adicionais.

Além do impacto inflacionário, persistência eleva risco para crescimento

Atividade econômica desacelera e expectativas de inflação seguem desancoradas

- No Brasil, o cenário tem sido marcado por uma combinação de desaceleração da atividade, desinflação gradual, mas com expectativas ainda desancoradas, e desafio fiscal, o que mantém a condução da política monetária em terreno cauteloso.
- Os dados mais recentes de atividade econômica têm vindo mais fracos, consistentes com desaceleração gradual da economia. Ainda assim, o crescimento deve continuar resiliente no curto prazo, sustentado por medidas de estímulo. Para 2027, contudo, a dissipação dos efeitos desses estímulos, elevado endividamento e inadimplência em alta, política monetária contracionista e riscos advindos do El Niño deve levar a uma desaceleração mais evidente do crescimento econômico.
- Na inflação, os dados correntes melhoraram na margem, com desaceleração do índice cheio e dos núcleos, enquanto serviços seguem como ponto importante de atenção. A melhora observada nas últimas leituras não foi suficiente para alterar o quadro de expectativas desancoradas e em trajetória ascendente para horizontes mais longos.
- Na política monetária, o Banco Central tende a seguir pautado por serenidade e cautela. A continuidade do ciclo de cortes permanece condicionada à evolução do câmbio, das expectativas de inflação e à confirmação de uma desaceleração mais consistente da atividade, além do desenrolar no cenário internacional. Mesmo com algum espaço para calibração adicional dos juros, a Selic deve permanecer em patamar elevado por período prolongado.

Cenário Econômico - Projeções

Brasil Cenário Base

P = Projeções Itaú Asset Management

Projeções estão sujeitas a mudanças.

* Histórico até 2009 baseado na metodologia BPM5. De 2010 em diante, metodologia BPM6. Mais detalhes sobre essa metodologia no próximo slide.

Fonte: Itaú Asset Management e Bloomberg, 02 de Setembro de 2026. ¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ² Banco Central do Brasil (BCB) ³ Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Principais Variáveis		2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026P	2027P
PIB - Preços de Mercado ¹	%	-3.5	-3.3	1.3	1.8	1.2	-3.3	4.8	3.0	3.2	3.4	2.3	1.7	1.0
PIB Nominal ¹	R\$ tri	6.0	6.3	6.6	7.0	7.4	7.6	8.9	9.9	10.7	11.6	12.4	13.1	13.8
	US\$ tri	1.8	1.8	2.1	1.9	1.9	1.5	1.6	1.9	2.2	1.9	2.3	2.2	2.3
PIB Real ¹	R\$ tri (2014)	5.6	5.4	5.5	5.6	5.6	5.4	5.7	5.9	6.1	6.3	6.4	6.5	6.6
PIB Nominal Per Capita em US\$ ¹	US\$ mil	8.8	8.7	9.9	9.2	8.9	7.0	7.5	8.7	10.2	8.7	10.4	9.9	10.4
Desemprego PNAD - Final DSZ ¹	% PEA	9.7	12.7	12.5	12.3	11.7	14.8	11.6	8.4	7.8	6.6	5.5	5.4	5.4
Inflação - IPCA ¹	%	9.8	6.5	3.0	3.7	4.3	4.5	10.1	5.8	4.6	4.8	4.3	4.8	4.6
Inflação - INPC ¹	%	9.6	7.3	2.3	4.1	3.2	5.5	10.2	5.9	3.6	4.8	3.9	4.9	4.6
Inflação - IGP-M ³	%	10.5	7.2	-0.5	7.5	7.3	23.1	17.8	5.5	-3.2	6.8	-1.1	4.0	4.0
Taxa de Juros Copom - Final ²	%	14.25	13.75	7.00	6.50	4.50	2.00	9.25	13.75	11.75	12.25	15.00	13.25	12.50
Taxa de Câmbio - Final ²	R\$ / US\$	4.0	3.3	3.3	3.9	4.1	5.2	5.6	5.3	4.9	6.2	5.5	5.2	5.2
Saldo Comercial ²	US\$ bi	17.4	44.5	57.4	44.3	29.6	35.7	42.3	51.5	92.3	65.8	59.7	77.9	77.9
Exportações	US\$ bi	189.9	184.3	218.0	239.5	225.8	210.7	284.0	340.2	343.8	339.9	350.9	387.9	387.9
Importações	US\$ bi	172.5	139.7	160.6	195.2	196.2	175.0	241.7	288.7	251.5	274.0	290.9	310.0	310.0
Saldo em Conta Corrente* ²	US\$ bi	-63.4	-30.5	-25.3	-53.8	-64.0	-24.2	-39.4	-42.0	-27.0	-65.3	-66.7	-62.1	-62.1
	% do PIB	-3.5	-1.7	-1.2	-2.8	-3.4	-1.6	-2.4	-2.2	-1.2	-3.0	-2.9	-2.5	-2.5
Investimento Estrangeiro Direto ²	US\$ bi	64.7	74.3	68.9	78.2	69.2	38.3	46.4	75.5	62.8	74.1	77.7	70.0	70.0
Resultado Primário ²	% do PIB	-1.9	-2.5	-1.7	-1.6	-0.8	-9.2	0.7	1.2	-2.3	-0.4	-0.4	-0.6	-0.3
Dív. Bruta do Setor Público ²	% do PIB	65.5	69.8	73.7	75.3	74.4	86.9	77.3	71.7	73.8	76.1	78.6	82.3	87.2

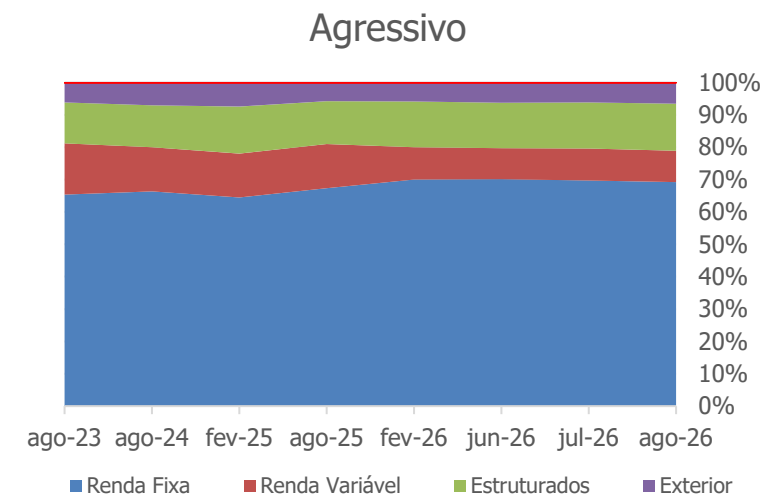
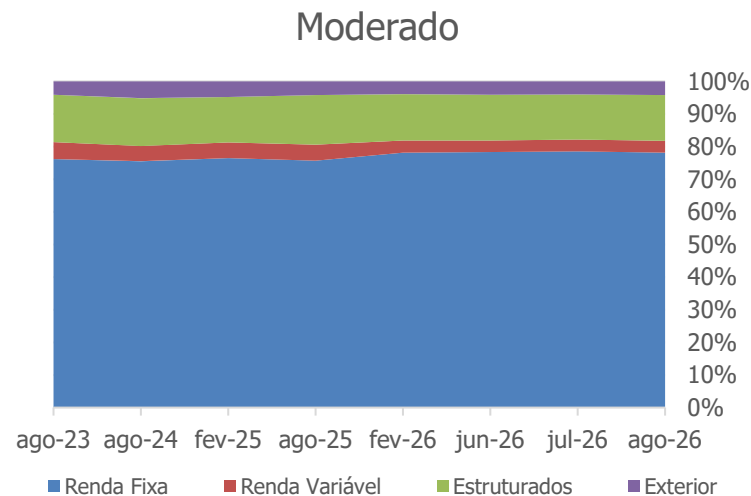
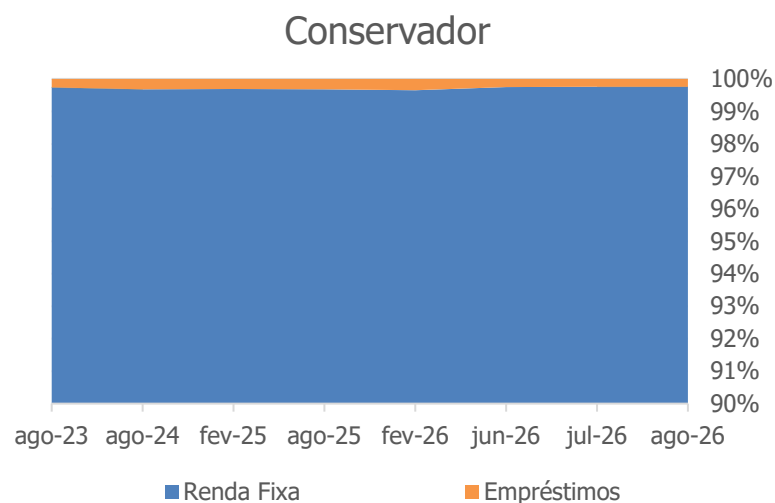
Desempenho e Evolução da Carteira

Perfis de Investimento

DESEMPENHO

Período	CONSERVADOR		MODERADO		AGRESSIVO	
	Return	%CDI	Return	%CDI	Return	%CDI
ago/26	1,08%	99%	0,60%	55%	0,54%	49%
6 meses	6,85%	98%	3,49%	50%	1,67%	24%
12 meses	14,57%	100%	12,28%	84%	11,93%	81%
24 meses	29,38%	100%	26,13%	89%	23,40%	80%
36 meses	44,31%	101%	40,04%	91%	36,46%	83%
60 meses	80,25%	100%	63,93%	80%	53,84%	67%

EVOLUÇÃO



Fundos de Investimento

Relação de Fundos de Investimento presentes nos perfis de investimento em 1º nível (em milhares de reais)

FUNDOS DE INVESTIMENTO	CNPJ	Conservador	Moderado	Agressivo
RENTA FIXA				
Enif R L FIF CIC Multimercado Crédito Privado *	32.265.488/0001-75	1.034.829		
Itaú Verso A RF Referenciado DI FI	11.419.818/0001-60	683.893		
Nashira Previdenciário Multimercado Moderado CP FI *	38.049.520/0001-61		583.935	
Nashira Previdenciário Multimercado Agressivo CP FI *	38.050.501/0001-55			54.457
RENTA VARIÁVEL				
Itaú Inst. Smart Beta Ações Brasil 50 FIC FIA	48.107.091/0001-95		26.776	7.669
INVESTIMENTOS ESTRUTURADOS				
Altair FIC FIM *	32.265.496/0001-11		105.242	11.425
INVESTIMENTOS NO EXTERIOR				
Carteira Itaú Internacional Institucional FIC FIM IE	39.562.577/0001-22		31.078	5.161
Empréstimos		4.153		
INVESTIMENTOS		1.722.875	747.030	78.712

* FUNDOS EXCLUSIVOS

Estratégia – Perfil Conservador (1/2)

Classe		O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
RENDA FIXA		Atuar taticamente, aproveitando oportunidades geradas por fluxos movidos por momentos técnicos do mercado (exemplos: leilões do Tesouro, rebalanceamentos de índices de mercado) e agenda econômica.	Atuamos aplicados em juros prefixados e vendidos na inflação implícita, mas num grau de risco ainda moderado de exposição total em comparação ao início de 2026. O Banco Central deve manter postura prudente, nossa premissa central nestas posições de renda fixa. Embora haja espaço para continuidade do ciclo de cortes da taxa Selic, o ritmo dependerá da evolução dos dados domésticos, especialmente câmbio, expectativas, serviços e atividade. A Selic, portanto, deve permanecer em patamar contracionista por período prolongado. Realizamos no início de setembro parte da estratégia de venda de inflação implícita que havia sido retomada no portfólio no início de julho, depois de um resultado divulgado do IPCA-15 abaixo do esperado. Nosso cenário prospectivo para a inflação de curto prazo tem ficado mais simétrico, com riscos altistas devido ao El Niño, ao possível impacto da alta do preço do petróleo e à implementação da reforma tributária.	Passados seis meses do início do conflito no Oriente Médio, o cenário global segue marcado pela persistência de preços mais altos de energia. Em geral, esse tipo de choque tende a produzir impactos mais visíveis sobre a atividade com alguma defasagem, mas os dados mais recentes ainda apontam resiliência da economia mundial, com indicadores antecedentes sugerindo, inclusive, alguma recuperação. Ao mesmo tempo, os bancos centrais têm buscado preservar flexibilidade em sua comunicação, mas a manutenção do choque energético mantém aberto o risco de aperto adicional das condições monetárias. No Brasil, o cenário doméstico segue como principal vetor de atenção. A economia combina sinais de desaceleração, inflação em melhora apenas gradual, expectativas ainda desancoradas e incertezas fiscais persistentes, o que reforça a necessidade de cautela na condução da política monetária. A atividade já mostra perda de ritmo e tende a desacelerar de forma mais evidente nos próximos meses, à medida que se dissipam os estímulos de curto prazo. O elevado endividamento das famílias, a alta inadimplência, os juros restritivos e os riscos climáticos compõem um ambiente menos favorável ao crescimento. Na inflação, o alívio recente do índice cheio e dos núcleos é positivo, mas ainda insuficiente para alterar, de forma relevante, o balanço de riscos. A inflação de serviços permanece pressionada, e as expectativas seguem acima da meta em horizontes mais longos. Impactos negativos vindos das exposições em juros prefixados.
	Juros Nacionais			—

Estratégia – Perfil Conservador (1/2)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A F I X A	Crédito	Manter exposições.	Visão implementada. Total de crédito no fundo que atende ao perfil conservador terminou agosto a 30,9% do PL. Fizemos compra de Letra Financeira diretamente e seguimos alocados numa estratégia por cota que foca emissores financeiros.	O mercado de crédito privado manteve dinâmica favorável ao longo de agosto, ainda sustentado por fluxos, como a demanda aquecida por ativos no mercado secundário. Apesar de os spreads permanecerem comprimidos, observou-se maior seletividade por parte dos investidores, com leve abertura em emissores específicos em função de eventos corporativos. A retomada gradual do mercado primário, combinada a uma oferta ainda limitada de novas operações, contribuiu para preservar o equilíbrio técnico do mercado. No segmento de crédito bancário, as condições técnicas permaneceram positivas, apoiadas pela forte captação da indústria e pela oferta restrita de ativos. Os spreads seguiram estáveis ou em leve compressão, especialmente em instrumentos seniores de grandes instituições financeiras, que continuam negociando próximos aos menores níveis históricos. Como reflexo desse ambiente, cresceu o interesse por instrumentos subordinados e perpétuos, que ainda oferecem prêmios relativos superiores.	+
	Câmbio e Juros Internacionais	Atuar de acordo com tendências de curto prazo das moedas.	Reduzimos a exposição comprada em dólar, caminhando para venda líquida no fechamento. O arcabouço fiscal segue sendo uma questão relevante para o real, mas, no curto prazo, a tendência das contas externas segue positiva (demanda interna menos aquecida e exportações de petróleo). E, o nível elevado de juro real contribui para atrair capital.	Impactos neutros.	

Estratégia – Perfil Moderado (1/3)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A F I X A	Juros Nacionais	Seguir focando o mercado de juros prefixados: na direção da aplicação de taxas, nos vencimentos 2027 e 2029. Cenário fiscal, a queda lenta esperada para a taxa Selic, ambiente externo de pressão sobre os juros e inflação implícita alta tornam a relação risco por retorno desfavorável no mercado de NTN-B.	Seguido.	Passados seis meses do início do conflito no Oriente Médio, o cenário global segue marcado pela persistência de preços mais altos de energia. Em geral, esse tipo de choque tende a produzir impactos mais visíveis sobre a atividade com alguma defasagem, mas os dados mais recentes ainda apontam resiliência da economia mundial, com indicadores antecedentes sugerindo, inclusive, alguma recuperação. Ao mesmo tempo, os bancos centrais têm buscado preservar flexibilidade em sua comunicação, mas a manutenção do choque energético mantém aberto o risco de aperto adicional das condições monetárias. No Brasil, o cenário doméstico segue como principal vetor de atenção. A economia combina sinais de desaceleração, inflação em melhora apenas gradual, expectativas ainda desancoradas e incertezas fiscais persistentes, o que reforça a necessidade de cautela na condução da política monetária. A atividade já mostra perda de ritmo e tende a desacelerar de forma mais evidente nos próximos meses, à medida que se dissipam os estímulos de curto prazo. O elevado endividamento das famílias, a alta inadimplência, os juros restritivos e os riscos climáticos compõem um ambiente menos favorável ao crescimento. Na inflação, o alívio recente do índice cheio e dos núcleos é positivo, mas ainda insuficiente para alterar, de forma relevante, o balanço de riscos. A inflação de serviços permanece pressionada, e as expectativas seguem acima da meta em horizontes mais longos.

Estratégia – Perfil Moderado (2/3)

R E N D A F I X A				
Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
Crédito	Manter exposições.	Alocação em torno de 10% do PL. Fizemos algumas vendas seletivas em debêntures, atualizando nossas análises de risco x retorno em meio à temporada de divulgação de resultados pelas companhias listadas.	O mercado de crédito privado manteve dinâmica favorável ao longo de agosto, ainda sustentado por fluxos, como a demanda aquecida por ativos no mercado secundário. Apesar de os spreads permanecerem comprimidos, observou-se maior seletividade por parte dos investidores, com leve abertura em emissores específicos em função de eventos corporativos. A retomada gradual do mercado primário, combinada a uma oferta ainda limitada de novas operações, contribuiu para preservar o equilíbrio técnico do mercado. No segmento de crédito bancário, as condições técnicas permaneceram positivas, apoiadas pela forte captação da indústria e pela oferta restrita de ativos. Os spreads seguiram estáveis ou em leve compressão, especialmente em instrumentos seniores de grandes instituições financeiras, que continuam negociando próximos aos menores níveis históricos. Como reflexo desse ambiente, cresceu o interesse por instrumentos subordinados e perpétuos, que ainda oferecem prêmios relativos superiores.	+
Câmbio e Juros Internacionais	Seguir com atuação bastante tática.	Zeramos as exposições nas moedas da Oceania. Vínhamos de uma exposição líquida vendida em dólar em julho. Terminamos agosto liquidamente comprados. Temos venda de dólar x real e compra de dólar x euro.	Impactos conjuntos das operações negativo.	-

Estratégia – Perfil Moderado (3/3)

		Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A V A R I Á V E L	Bolsa		Atuar taticamente. Apesar do mercado acionário brasileiro seguir com desconto em relação ao seu histórico de múltiplos, ambientes doméstico e externo contribuem para riscos, como questões fiscais, expectativa de desaceleração do crescimento no Brasil e no mundo, pouco espaço para forte queda dos juros e resultados das companhias listadas sem surpresas.	Seguimos com alocações moderadas, terminando agosto com exposição total de 5,2% do PL no perfil moderado x 6,7% em julho.	A Bolsa brasileira teve desempenho resiliente em agosto, com o Ibovespa recuando 0,33% no mês (+10,1% em 2026). O mercado segue apoiado por valuations descontados, dividend yield elevado e lucros corporativos fortes, especialmente no segmento de petróleo, que possui peso elevado nos principais índices. Apesar do fluxo estrangeiro ainda negativo e da fraqueza no desempenho do setor financeiro, o posicionamento mais leve e a expectativa de queda de juros no curto prazo continuam sustentando o cenário, embora persistam riscos ligados à atividade doméstica, à condução fiscal e ao calendário de eleições. Foi um mês positivo para os principais mercados internacionais. Nos Estados Unidos, o S&P 500 subiu 2,69% em agosto (+12,88% em 2026). A atividade continua sólida naquele país, ainda que a leitura mais recente do mercado de trabalho tenha indicado alguma perda de robustez. Em paralelo, a inflação mostrou a moderação esperada para o meio do ano, depois de um primeiro semestre mais pressionado. Essa combinação reduziu a urgência de uma resposta do Federal Reserve no curto prazo, embora o discurso de Kevin Warsh em Jackson Hole tenha mantido viva a discussão sobre uma possível alta já em setembro. Setorialmente, destaque positivo para tecnologia, matérias-primas e energia.	-
	Estruturados		Diversificação através do fundo Altair com multiestratégias.	Seguido.	Retorno nominal de 1,26% em agosto contra 1,09% do CDI. A maioria dos fundos com impactos positivos, com destaque para Kapitalo Zeta, Genoa Capital Vestas e Global Dinâmico Ultra. Contribuições negativas dos fundos Absolute Bold, Genoa Capital Sagres e WHG Casa Hedge LN.	+
	Exterior		Manutenção da alocação na estratégia Carteira Itaú Internacional Institucional. A diversificação ocorre em ações (americanas, europeias, japonesas e de emergentes), renda fixa (juros americanos, inflação americana, crédito americano e de emergentes), commodities (ouro) e moedas.	Seguido e complementamos com atuações táticas com moedas.	Retorno nominal de 4,59% em agosto. Impactos positivos principalmente com moedas, ouro e ações americanas.	+

Estratégia – Perfil Agressivo (1/3)

Classe		O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A F I X A		Seguir focando o mercado de juros prefixados: Seguido. na direção da aplicação de taxas, nos vencimentos 2027 e 2029. Cenário fiscal, a queda lenta esperada para a taxa Selic, ambiente externo de pressão sobre os juros e inflação implícita alta tornam a relação risco por retorno desfavorável no mercado de NTN-B.		
	Juros Nacionais		Passados seis meses do início do conflito no Oriente Médio, o cenário global segue marcado pela persistência de preços mais altos de energia. Em geral, esse tipo de choque tende a produzir impactos mais visíveis sobre a atividade com alguma defasagem, mas os dados mais recentes ainda apontam resiliência da economia mundial, com indicadores antecedentes sugerindo, inclusive, alguma recuperação. Ao mesmo tempo, os bancos centrais têm buscado preservar flexibilidade em sua comunicação, mas a manutenção do choque energético mantém aberto o risco de aperto adicional das condições monetárias. No Brasil, o cenário doméstico segue como principal vetor de atenção. A economia combina sinais de desaceleração, inflação em melhora apenas gradual, expectativas ainda desancoradas e incertezas fiscais persistentes, o que reforça a necessidade de cautela na condução da política monetária. A atividade já mostra perda de ritmo e tende a desacelerar de forma mais evidente nos próximos meses, à medida que se dissipam os estímulos de curto prazo. O elevado endividamento das famílias, a alta inadimplência, os juros restritivos e os riscos climáticos compõem um ambiente menos favorável ao crescimento. Na inflação, o alívio recente do índice cheio e dos núcleos é positivo, mas ainda insuficiente para alterar, de forma relevante, o balanço de riscos. A inflação de serviços permanece pressionada, e as expectativas seguem acima da meta em horizontes mais longos.	—

Estratégia – Perfil Agressivo (2/3)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
RENDATA FIXA	Crédito	Manter exposições em torno de 10% do PL.	Sem movimentações.	O mercado de crédito privado manteve dinâmica favorável ao longo de agosto, ainda sustentado por fluxos, como a demanda aquecida por ativos no mercado secundário. Apesar de os spreads permanecerem comprimidos, observou-se maior seletividade por parte dos investidores, com leve abertura em emissores específicos em função de eventos corporativos. A retomada gradual do mercado primário, combinada a uma oferta ainda limitada de novas operações, contribuiu para preservar o equilíbrio técnico do mercado. No segmento de crédito bancário, as condições técnicas permaneceram positivas, apoiadas pela forte captação da indústria e pela oferta restrita de ativos. Os spreads seguiram estáveis ou em leve compressão, especialmente em instrumentos seniores de grandes instituições financeiras, que continuam negociando próximos aos menores níveis históricos. Como reflexo desse ambiente, cresceu o interesse por instrumentos subordinados e perpétuos, que ainda oferecem prêmios relativos superiores.	+
	Câmbio e Juros Internacionais	Seguir com atuação bastante tática.	Zeramos as exposições nas moedas da Oceania. Vínhamos de uma exposição líquida vendida em dólar em julho. Terminamos agosto liquidamente comprados. Temos venda de dólar x real e compra de dólar x euro.	Impacto conjunto das operações negativo.	-

Estratégia – Perfil Agressivo (3/3)

Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
Bolsa	Atuar taticamente. Apesar do mercado acionário brasileiro seguir com desconto em relação ao seu histórico de múltiplos, ambientes doméstico e externo contribuem para riscos, como questões fiscais, expectativa de desaceleração do crescimento no Brasil e no mundo, pouco espaço para forte queda dos juros e resultados das companhias listadas sem surpresas.	Seguimos com alocações moderadas, terminando agosto com exposição total de 10,8% do PL no perfil agressivo x 10,1% em julho.	A Bolsa brasileira teve desempenho resiliente em agosto, com o Ibovespa recuando 0,33% no mês (+10,1% em 2026). O mercado segue apoiado por valuations descontados, dividend yield elevado e lucros corporativos fortes, especialmente no segmento de petróleo, que possui peso elevado nos principais índices. Apesar do fluxo estrangeiro ainda negativo e da fraqueza no desempenho do setor financeiro, o posicionamento mais leve e a expectativa de queda de juros no curto prazo continuam sustentando o cenário, embora persistam riscos ligados à atividade doméstica, à condução fiscal e ao calendário de eleições. Foi um mês positivo para os principais mercados internacionais. Nos Estados Unidos, o S&P 500 subiu 2,69% em agosto (+12,88% em 2026). A atividade continua sólida naquele país, ainda que a leitura mais recente do mercado de trabalho tenha indicado alguma perda de robustez. Em paralelo, a inflação mostrou a moderação esperada para o meio do ano, depois de um primeiro semestre mais pressionado. Essa combinação reduziu a urgência de uma resposta do Federal Reserve no curto prazo, embora o discurso de Kevin Warsh em Jackson Hole tenha mantido viva a discussão sobre uma possível alta já em setembro. Setorialmente, destaque positivo para tecnologia, matérias-primas e energia.
Estruturados	Diversificação através do fundo Altair com multiestratégias.	Seguido.	Retorno nominal de 1,26% em agosto contra 1,09% do CDI. A maioria dos fundos com impactos positivos, com destaque para Kapitalo Zeta, Genoa Capital Vestas e Global Dinâmico Ultra. Contribuições negativas dos fundos Absolute Bold, Genoa Capital Sagres e WHG Casa Hedge LN.
Exterior	Manutenção da alocação na estratégia Carteira Itaú Internacional Institucional. A diversificação ocorre em ações (americanas, europeias, japonesas e de emergentes), renda fixa (juros americanos, inflação americana, crédito americano e de emergentes), commodities (ouro) e moedas.	Seguido e complementamos com atuações táticas com moedas.	Retorno nominal de 4,59% em agosto. Impactos positivos principalmente com moedas, ouro e ações americanas.

GLOSSÁRIO

[Clique aqui](#) caso tenha dúvidas dos termos utilizados neste relatório

Informações relevantes

Os investimentos da Fundação Itaúsa Industrial são realizados pelos gestores contratados pela Entidade de acordo com a Resolução CMN nº 4994/2022 e com a Política de Investimentos do Plano de Benefícios de Contribuição Definida – PAI-CD, aprovada pelo Conselho Deliberativo conforme Estatuto Social e legislação vigente.

A estratégia de alocação de recursos nos perfis de investimento é discricionária, porém, os gestores devem seguir as diretrizes da Política de Investimentos da Entidade e os regulamentos dos fundos de investimentos, de forma a cumprir os mandatos que lhe foram conferidos.

Os resultados apresentados se referem ao desempenho obtido pela gestão dos investimentos deduzidas as despesas com a administração desses investimentos e não garantem rentabilidade futura, nem tampouco, que o cenário econômico vislumbrado vá se concretizar, independentemente de o espaço de tempo ser considerado curto ou longo.

Esse relatório é de propriedade da Fundação Itaúsa Industrial, e é destinado aos participantes e assistidos do Plano de Benefícios de Contribuição Definida – PAI-CD e não deve ser entendido como recomendação de investimento, desinvestimento, opção e/ou alteração de perfil de investimento ou opção e/ou alteração de benefício de aposentadoria.